



**ADEMIR PASCALE  
ORG.**



**MISTÉRIOS**  
Contos e Poemas

**CONEXÃO LITERATURA**

**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-01-13117-7**

**2024**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

O MISTÉRIO DAS SOMBRAS EM IRIVERDES, POR FERNANDO SCHWARTZHAUPT NOROEFÉ, PÁG. 05

A SEITA, POR FLAVIO JOSSERT, PÁG. 10

LEMBRANÇAS DE OUTRORA, POR JANDIRA ELOHÁ LOPES, PÁG. 13

O CASO DE CAMPOS ELÍSIOS, POR JOÃO GOMES, PÁG. 16

A LENDA DE MARIA DO CARMO, POR MÁRIO LUIZ AMORIM DA SILVA, PÁG. 20

O BOSQUE DAS ALMAS PERDIDAS, POR PRISCILA BISSARO, PÁG. 23

LEITURAS INOCENTES, POR ROGER DÖRL, PÁG. 27

AS MALDIÇÕES DE TINTAGEL EM PROSA E VERSOS, POR ROSAMARES DA MAIA, PÁG. 33

MÁGICO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 36

O GRANDE MISTÉRIO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 38

SEKRETO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 40

MENSAGEM (1), POR SELMA LUANNY, PÁG. 42

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 44

**ADEMIR PASCALE  
ORG.**

**MISTÉRIOS**  
Contos e Poemas

**CONEXÃO LITERATURA**

APRESENTAMOS O  
CONTO

# O MISTÉRIO DAS SOMBRAS EM IRIVERDES

POR FERNANDO SCHWARTZHAUPT NOROEFÉ

FERNANDO SCHWARTZHAUPT NOROEFÉ É FORMADO EM PROCESSOS GERENCIAIS E ESPECIALISTA EM ENGENHARIA DE SOFTWARE. ATUALMENTE ESTÁ SE AVENTURANDO NA ESCRITA DE CONTOS E POEMAS.



Em um planeta chamado Iriverdes, onde os dias eram muito curtos e as noites intermináveis, Seryn, um antigo guardião espacial, iniciava sua aposentadoria. Apesar da magia ainda fluir forte em seu coração, não havia mais ânimo para lutar. Em seu peito, carregava um amuleto brilhante que pertencia a Lyra, sua falecida esposa, um lembrete para que ele a sentisse sempre por perto e uma luz em meio ao breu daquele calmo, porém escuro, planeta.

Nas poucas horas de luz, ele refletia e se entristecia, lembrando-se dos erros que cometeu quando era guardião e da morte de sua esposa. Ela também era uma guardiã e morreu em uma missão trágica enfrentando as horrendas criaturas do Vórtice Obscuro, em uma luta que deveria ser de Seryn. Ele olhava para o movimento do sol e coçava sua barba grisalha. Ao tentar contemplar a luz solar, seus olhos enchiam-se de lágrimas. A luz o lembrava da estrela que explodiu e consumiu a nave de sua amada, atraindo os seres sombrios para o calor deste sol em colapso. Após essas curtas e terríveis horas, ele apoiava-se em seu cajado de aço, que utilizava na sua época de batalhas, e descia para caminhar pelas ruas de pedra da cidade. Chegava a um mirante, onde observava a sombria lua marrom e a escuridão dos bosques e florestas de Iriverdes. Às vezes também era procurado por habitantes do planeta, que desejavam que ele utilizasse sua magia para curar enfermidades, muitas vezes adquiridas quando ficavam muito tempo nas sombras, que segundo a crença local trazia doenças e medo para as pessoas.

Em uma de suas idas ao mirante, observou uma luz estranha em um bosque próximo, uma luminosidade anormal, cuja intensidade era intermitente. A princípio, pensou que poderiam ser jovens aprontando alguma coisa. Como antigo guardião, ele sentia que era seu dever trazê-los de volta para a cidade, pois uma floresta sombria sempre é perigosa, em qualquer planeta. Quanto mais adentrava na mata, mais as luzes da cidade ficavam fracas, como se uma mistura de névoa e sombra estivesse envolvendo Seryn. Ao chegar próximo de onde estava a luz estranha, sentiu-se observado, como se vultos corresse entre as árvores.

Ao chegar na fonte da luminosidade, seu coração se encheu de agonia, seus ossos começaram a ranger. Mesmo tendo sido um bravo guerreiro no passado, aquilo que estava diante de seus olhos desafiava seu modo de entender as coisas, que magia era aquela?

Tão poderosa que distorcia a matéria e o ar em sua volta. Nem mesmo os sábios paladinos dourados, que eram a elite máxima de guerreiros humanos, sustentariam tal poder. Parecia uma esfera sombria, que girava e fazia a matéria e o ar próximo rodarem em torno de si, emitindo uma luz estranha.

Antes mesmo que ele pudesse tocar ou analisar com mais calma, escutou uma voz, um timbre que ele conhecia, ao escutá-la seu coração acelerou, era a voz de Lyra, que o chamou pelo nome e o convidou a olhar para trás. Ao virar-se, não havia ninguém, Seryn lançou um olhar desesperado em direção às árvores, aos arbustos e à escuridão que o cercava. A voz, que agora parecia vir de outra direção, o questionava com tristeza e desapontamento:

— Onde você estava meu amado Seryn? Iríamos tirar férias nas nebulosas azuis do Arco Galáctico, lembra-se?

Isso mexeu com as emoções do guardião, que soltou seu cajado e se prostrou de joelhos no chão, em lágrimas e sem conseguir falar, por alguns instantes ele duvidou da própria sanidade. Um vento frio começou a soprar em sua pele, e de repente sentiu algo o puxar em direção à esfera. Ele viu a realidade colapsar diante de seus olhos e tudo escurecer. A única luz que havia era aquela que ele levava em seu peito, ergueu-se de pé novamente, e observou o que estava em sua volta, mas não havia nada, apenas escuridão. No entanto, notou ao fundo um pequeno brilho metálico que refletia a luz de seu peito, era o cajado de aço, estava um pouco longe, mas com certeza era sua arma.

Seryn começou a caminhar em direção ao cajado, mas pouco antes de chegar perto começou a notar a presença de vultos em sua volta, apesar de não os enxergar, havia algo se movendo nas sombras. Sentiu uma força o puxando para trás e uma pressão no pescoço, algo havia tentando arrancar seu amuleto, o que fez o guardião erguer a luz para cima e entoar uma magia. A luminosidade do amuleto começou a se expandir, revelando o terrível local onde ele estava: um deserto cinzento, com um céu completamente escuro, rodeado de criaturas sombrias, com formas horrendas, revestidas de um couro escuro e avermelhado, garras metálicas e seis olhos. Algo estava errado, não pareciam racionais a ponto de tentarem manipular as lembranças de Seryn ou para tentar retirar a proteção de luz que carregava. Uma voz feminina começa a ressoar, e as criaturas recuam, o timbre começa a ficar mais identificável à medida que ela se aproximava. Para sua surpresa, era Lyra, da forma como ele a conhecia, com cabelos dourados, olhos verdes e uma armadura

bege, que as guardiãs mulheres costumavam utilizar. Ela apresentava uma expressão mais séria e um olhar mais vazio, e ao se aproximar de Seryn, calmamente começa a falar:

— Você quer tê-la de volta, Seryn? Posso fazer isso por você, mas preciso que me entregue o amuleto.

O guardião, ainda confuso com tudo que estava acontecendo, perguntou:

— Você não pode ser minha Lyra, ao me entregar o amuleto ela pediu que eu nunca o retirasse, o que é você? Onde estou afinal?

Um vento gelado soprou, uma pequena onda de choque empurrou Seryn alguns passos para trás. Lyra começou a ser consumida por uma substância sombria, que emitia uma luz assustadora, cegando o guardião por alguns segundos. Ao abrir os olhos havia outra mulher no lugar de sua falecida esposa. Ela utilizava um longo vestido preto, tinha cabelos pretos e olhos vermelhos, era extremamente pálida, apesar disso, parecia ser humana. Com uma voz ríspida e terrível respondeu ao guardião espacial:

— Você está dentro do Vórtice Obscuro, sou Erebia, a Dama das Sombras, e logo você irá entregar esse amuleto para mim em troca de uma morte rápida!

Seryn, estendeu uma mão vazia em direção a Erebia e questionou:

— É impossível, o grande Astreon Siderius selou o portal para a macabra dimensão de vocês! Não sei qual seu interesse no amuleto, mas terá que tirá-lo do meu cadáver!

Ao terminar a frase o cajado voa em direção à mão do guardião, que agora munido de sua arma se ergue em posição de luta. Erebia observa com desdém e em tom de ameaça diz:

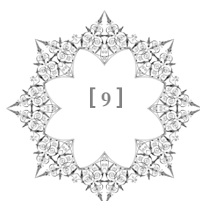
— Você escolheu um fim doloroso e lento! Após me divertir com sua dor, arrancarei esse amuleto brilhante de sua carcaça e usarei ele para abrir novas brechas para o mundo de vocês. O portal foi selado, mas sempre podemos agir onde houver medo e escuridão!

As criaturas sombrias começam a cercar Seryn, que em um ato desesperado, ergueu seu cajado para cima, onde uma esfera luminosa começa a se abrir distorcendo a realidade por alguns instantes. Em seus pensamentos se lembra de Lyra, da luz e da lua marrom. Com um rápido movimento, o guardião arranca o amuleto do próprio peito e joga em direção a esse portal, que rapidamente se fecha, e profere suas últimas palavras:



— A luz que minha amada Lyra deixou para mim irá iluminar toda a lua marrom de Iriverdes, você e essas criaturas abissais perderam sua influência aqui!

A Dama das Sombras, agora enfurecida, faz sinal para as criaturas avançarem em direção à Seryn. As feras hesitam diante de um pequeno brilho refletido na arma do guardião. Ele solta o cajado e abre os braços, aceitando seu calvário, em paz pela primeira vez em muito tempo, seu corpo será destruído pelas criaturas, mas em seu coração não há medo, pois logo irá reencontrar Lyra. Erebia grita com raiva, pois o gesto final de Seryn salvou Iriverdes de suas sombras, apesar dos dias continuarem curtos, as noites agora serão iluminadas por uma lua brilhante.





APRESENTAMOS O  
CONTO

# A SETTA

POR FLAVIO JOPERT

FLAVIO É POETA, HERALDISTA, ESOTÉRICO, MAGISTA, E ACIMA DE TUDO AMBIENTALISTA, SABE QUE A ARTE ATRAVÉS DA ESTÉTICA É A CULTURA QUE TRANSFORMA O MUNDO NUM LOCAL CIVILIZADO. TRABALHA NO CONTROLE DE ENDEMIAS DO RIO DE JANEIRO ONDE É GUARDA 1, E ADIDO CULTURAL. A POESIA, UMA DAS ARTES DAS MUSAS DE PERSÉFONE, É A FERRAMENTA DE SUBLIMAR OS PROBLEMAS E DE EDUCAR PARA O AMOR, RESPEITO, E PRESERVAÇÃO DA NATUREZA. NASCEU EM NITERÓI - RJ EM 1973.

“Aquela pessoa gostava dele, e eu sou só amiga.” Assim iniciava uma carta de despedida achada dentro de uma garrafa no mar. Eles recolhiam o corpo. Uma moça fora assassinada por um professor. Ela tentava seduzir ele, para, com sexo, ganhar um carro. Não se sabia ao certo o sexo genético da vítima, mas o professor gritava da sela, ela era homossexual. Era uma trans...

Resgatado do mar, próximo a arrebentação do balneário, o corpo trazia as marcas de 18 facadas. 7 anos, 7 facadas; Yamatha, detetive da polícia no caso suspeitava de algum rito macabro, ou nefasto não convencional.

Era sabido da academia que muitos dos crimes são praticados com metodologias a levar para o caminho do esoterismo. Precisando do bode expiatório, é nos magos que se vai colocar a culpa. Sempre envolvendo um coito, uma relação homossexual.

O corpo embarcava no rabeção. Uma criança de uns 8 anos passava com o tio na hora. Seu tio vestia uma camisa de risca de giz preta, com gola e punhos brancos, calça preta, e sapatos brancos. A criança comia algodão doce e gritava: deixa eu ir junto, também quero passear no carro da polícia.

No Instituto Médico, o legista, fez a autópsia, que não tinha nada a constatar, o criminoso identificado aguardando julgamento, sem a menor possibilidade de vida naquele corpo, pensava nas lágrimas de família, parentes e amigos, e em sua postura sempre fria em todos aqueles casos. Permitir emoções arrastaria ele ao fundo do poço da depressão, ele era médico e sabia disso. Pensou: *sou médico não sádico*, o que já seria uma análise realista de sua vida. Prontamente identificada a questão.

No colégio, todos assombrados, como se o fantasma da jovem, ou seu próprio corpo ainda estivesse por lá. Sua existência agora era na mente de todos os alunos, como a marca bestial do professor assassino. A diretoria envergonhada, não tinha de onde buscar explicações. Seria a conduta do caso? Mesmo envolvendo “assédio sexual”?

O diretor atendia o telefone. Poderia ser o pai de outro aluno ou aluna. Poderiam perguntar se havia culpa, se havia cumplicidade, se era a conduta disciplinar matar? A opinião pública sempre linchava nesses casos. Era o natural. O que esperar da população se não a indignação pelo crime.

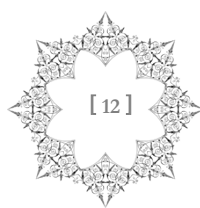
Como os fins não justificavam os meios, nenhum ato fora da lei é justificável. O povo indiferente a atrocidade, sendo muitas vezes cúmplice conivente então.

Yamatha, saia de seu serviço em alguns minutos, hoje não era dia de plantão. Passaria no Shopping, comeria um cachorro-quente, tentaria arrumar um namorado. Naquele caso não havia o que investigar. O passado de violência plausíveis de serem remexidas só complicaria mais o assunto.

Claro que o caso não. A conduta ideologicamente correta da corporação não gostava de causar um “terremoto”. Sabia que muita coisa seria deixada despercebida e que alguns cúmplices não seriam sequer citados no julgamento. Sentou numa praça de alimentação. Jovens comiam hambúrgueres, muito barulho. Pessoas falando. Conversando, andando, paradas na fila para comprar mais fast food.

Tudo colorido. Tudo impessoal. Uma existência social verdadeiramente antissocial. Todos juntos sem sequer se conhecer. Um falar com o outro seria complicado também. As pessoas só se viam sem se olhar. Era uma felicidade completamente comercial. Artificial? Aquilo também era natureza. O passarinho constrói ninho, o ser humano constrói Shopping Center. Passarinhos comem minhocas, os humanos comem hambúrguer. Mas a relação era completamente agressiva. Estavam lá para encontrar um amigo, como ela, mas o primeiro a falar com alguém desconhecido poderia ser: acusado de assédio, tarado.

A relação social não lidava com o patológico. Estavam ali para conhecerem gente nova, mas havia uma barreira mental em que juntos eram proibidos de abordar alguém. Amanhã seria novo dia, delegacia, novos casos. Sua vida ia se enfeitando com dias vividos investigando homicídios.



APRESENTAMOS O  
POEMA

# LEMBRANÇAS DE OUTRORA

POR JANDIRA ELOHÁ LOPES

LICENCIADA EM HISTÓRIA (UNIFRA) E ESPECIALISTA EM COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA E CULTURA DE PAZ (UNIPAMPA). É PALESTRANTE, ASSESSORA DA FEDERAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS E MEMBRA DO NEABI (NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS LANCEIROS NEGROS DA UNIPAMPA - CAMPUS SÃO BORJA/RS). É PROFESSORA DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO APPARICIO SILVA RILLO E ALUNA DO CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM POLÍTICAS PÚBLICAS DA UNIPAMPA – CAMPUS SÃO BORJA (RS).

Olho a minha volta e tudo é vazio  
Vou ao bar  
Vou ao mar  
Vou ao ar  
E me pego a viajar loucamente

Volto a caminhar às voltas  
Pensamentos a rodopiar  
Não encontro o lar  
Não há lugar para parar  
Para esperar, sonhar e amar

Onde estão os afagos dos sorrisos largos?  
Me perco em pensamentos  
Pelas vielas da minh'alma  
Dobro esquinas, vejo árvores  
Cumprimento-as

Meu coração transborda de lembranças  
Meus olhos emocionados extravasam  
Transbordam caudalosamente  
Acanhados e silenciosos  
Para que ninguém perceba

Disfarço, foi um cisco...  
que caiu nos olhos  
que tanto riram e viajaram  
que tanto afagaram  
que eram vivos

Hoje, já não são mais  
Àqueles que outrora vivos eram

São uma esperança no passado  
Mas não seria presente?  
Ou o presente é ausente?

O passado se faz presente  
É no passado que estou viva  
É no passado que sou feliz  
É no passado que tudo vale a pena  
O presente... Ah, o presente!  
Tornou-se tormento  
Não deixa o que ficou, viver  
Já não existe mais  
É a sombra do que passou  
Mas resta o futuro...

Futuro... qual futuro?  
Resta ao vivente pensar  
O que haverá além de hoje?  
A presença do espectro  
Do que deveria ter sido



APRESENTAMOS O  
CONTO

# O CASO DE CAMPOS ELÍSIOS

POR JOÃO GOMES

JOÃO GOMES É NATURAL DE ALTO PIQUIRI, PARANÁ. MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DE RONDÔNIA – ACLER. PUBLICOU: O VINGADOR DO SANGUE EM 2016 (ROMANCE). TEM TAMBÉM ARTIGOS E TRABALHOS PUBLICADOS E DISPONÍVEIS NA WEB, EM DESTAQUE NO OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, CORREIO DO VALE, REVISTA PSICANÁLISE EM FOCO, REVISTA CONEXÃO LITERATURA, REVISTA PARTES, LANÇOU EM 2020 – A ÁRIA DAS GÓRGONES (ANTOLOGIA DE CONTOS). DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.AMAZON.COM.BR/%C3%81RIA-DAS-G%C3%B3rgones-Cient%C3%ADfica-Cibercultura-Ebook/dp/B08KTW5468](https://www.amazon.com.br/%C3%81RIA-DAS-G%C3%B3rgones-Cient%C3%ADfica-Cibercultura-Ebook/dp/B08KTW5468)



Ele havia saído para comprar pão por volta de quinze horas na tarde de vinte e cinco de março de dois mil e trinta e nove. O patriarca da família — Dom Manoel Alencar Lima-Prado Habsburg — foi quem relatou a tragédia. Deixara o pequenino Mike, herdeiro do clã, adormecido em seu berço. Quando regressou encontrou a criança sem vida. *Notas: 01) O palacete dos Habsburgs sito em Campos Elísios estava absolutamente fechado. Suas oito janelas cerradas. As duas portas trancadas. O distrito é um local tranquilo, habitat natural dos novos ricos. 02) Patrulhado por equipes ostensivas de pcybers [androides-policiais] e hipervigiado por câmeras de vigilância intensiva; 03) Empregados dispensados antes da saída de Dom Manoel; 4) Constatou-se sinais de estrangulamento [Relatório da Delegacia de Crimes Contra a Infância – DCCI].*

O detetive Luc, exausto, entediado, lia o documento de maneira imparcial. Deu um muxoxo. Era a primeira semana do empréstimo dele para a DCCI. Não lhe caíra bem. E agora esse negócio. Esse caso que parece um lixo. “uma droga de relatório! Merda de diligência preliminar dos patrulheiros!”.

O fato aconteceu numa sexta-feira. A casa estava impecavelmente limpa e organizada. Luc chamou o patrulheiro que registrou o caso e perguntou:

— Vocês fizeram a varredura completa da casa?

— Varredura completa. Todos os cômodos e áreas do domicílio averiguadas. Nenhum vestígio de material genético ou infiltrado.

— Que impressão você teve do quarto da criança?

— Muito limpo e organizado também. Não havia remédios nem brinquedos. Em uma prateleira tinha um ursinho de pelúcia branco. Aquele lançado na última semana pela ToyKids.

— O Malak?! O anjo inteligente? [A fabricante fizera campanha intensiva de marketing no mês.]

— Isso!

— Eles tinham algum animal doméstico na casa?

— Não.

— qual era a idade do bebê?

— Quatro meses.

— e o avô?

— O avô?

— Sim. Dom Manoel.

— Ah! O velho estava muito nervoso. Desesperado até. Olhos vermelhos. Nunca tinha deixado a criança sozinha. Mas, como ela estava adormecida ele resolveu sair pois retornaria dentro de dez minutos no máximo. Comprou baguete francesa, leite e pudim.

— A mãe da criança estava na cidade?

— Não. Estava em viagem de trabalho. Fora visitar um cliente empresarial. É advogada tributarista.

— Você a entrevistou?

— Sim.

— E?

— A doutora Maria Cândida estava inconsolável. Falamos com ela no terceiro dia. Ela narrou toda a sua história desde o seu casamento. Inclusive que havia lido para o pequeno Mike, na noite anterior, a história de Chapeuzinho Vermelho. Em seu depoimento a cada duas frases dizia: “*a minha vida acabou!*” Ela disse também que seu pai andava esquecendo as coisas ultimamente...

— O que me diz do marido?

— Nelson, meu parceiro de patrulha, entrevistou (por videoconferência) o marido da doutora e os empregados. O marido é engenheiro de minas. Também em viagem. Trabalhando em Parauapebas desde fevereiro. Quanto aos empregados nada foi dito que ajudasse a compreender o caso. Luc, igual o xerife Ed Tom Bell, daquela obra do McCarthy, tem estado ultimamente com a mente em errantes divagações... Smart district. Pudim. Cândida. Parauapebas. A tonga da mironga do kabuletê<sup>1</sup>...

Nelson passou para Luc um Jornal da Associação Médica Paulista, e, este dizia: A síndrome da morte súbita infantil é a morte súbita e inesperada, que geralmente ocorre durante o sono, de um bebê aparentemente saudável entre 1 mês e 1 ano de idade. Sua causa é desconhecida. Há mais de um termo usado para descrever uma morte súbita infantil. A morte súbita inesperada do bebê (SUID) é usada amplamente para descrever qualquer morte súbita e inesperada de uma criança com menos de um ano de idade, na qual a causa não é óbvia antes de uma investigação ser feita. A SUID inclui mortes súbitas e inesperadas que têm uma causa, como mortes acidentais (resultantes de asfixia ou estrangulamento acidental), mortes naturais (como as resultantes de uma infecção ou um quadro clínico) e mortes devido a danos intencionais. A causa da SMSI é desconhecida. Ela pode ocorrer devido a uma anomalia no controle da respiração. Alguns bebês com SMSI apresentam sinais de terem tido níveis baixos de oxigênio no sangue e períodos de interrupção da respiração (um quadro clínico denominado apneia).

Luc alternou a análise de dados — e também a metafísica — pela movimentação, circulação e ação física percorrendo os Campos Elísios, bairro denominado inteligente. Reduto dos novos ricos e de toda a turma da vanguarda artística. Campos Elísios era dotado de detectores de qualidade de pavimentação e qualidade de muros de contenção; detectores de gás e qualidade de ar; sistemas de drenagem; sistemas de iluminação pública, visão computacional mediada pela IA e integrados ao complexo de monitoramento através de câmeras fixas e câmeras embarcadas em veículos. Além disso foi amplamente adotado tecnologias como Internet das Coisas (IoT), WiFi, Big Data, Cloud Computing e Mobile apps, suportadas por infraestruturas de fibra ótica, redes Móveis 9G/10G, data centers. O bairro usa tecnologia da informação e comunicação (TIC) para melhorar a eficiência operacional, compartilhar informações com o público e fornecer uma melhor qualidade de serviço governamental e bem-estar ao cidadão, resume a consultoria de engenharia NC. Por fim conclui o folder, afirmando que Campos Elísios proporciona: bem-estar, segurança e facilidade porque utiliza as inovações tecnológicas priorizando saúde, bem-estar e a mobilidade dos moradores.

O detetive fez sua caminhada na manhã. Encontrou algumas mães com seus carrinhos de bebês. Jovens correndo pelas ruas fartamente arborizadas, duplas de pcybers patrulhando as ruas e ele se senta como se estivesse em dia preguiçoso de feriado, tudo parecia maravilhoso. Gastou quase toda a manhã na perambulação. Esteve na casa de Dom Manoel e o entrevistou outra vez. A casa estava limpa e organizada. Nada novo veio

à tona. Tirou a tarde de folga e foi ao jardim zoológico. A jaula do urso estava vazia... A tonga da mironga do kabuletê...

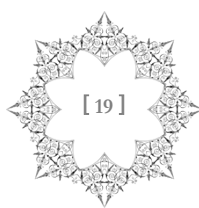
No dia primeiro de abril, da delegacia anterior, lhe chegou relatório de um caso de suposta fraude. *Eventual crime contra a economia popular. Jai Lebru, artista plástico, fora contratado (e recebeu a subvenção) pelo museu de arte contemporânea para a realização de uma obra referente ao aniversário da cidade. Na data determinada ele entregou uma tela em branco. A curadoria exibiu a tela mesmo assim. Passado a exposição e o período festivo a administração do museu requereu a devolução do dinheiro. Com isso Jai Lebru desapareceu.*

*Você que ouve e não fala,  
Você que olha e não vê,  
Eu vou lhe dar uma pala,  
Você vai ter que aprender:  
A tonga da mironga do kabuletê.*

Na semana seguinte, Luc revisou todos os documentos e vídeos do caso. Digo do caso do pequeno Mike. Novas entrevistas foram feitas com os parentes, empregados e policiais. Nesta rodada foi incluso vizinhos e resgatados os registros médicos e dos pcybers. Nada de novo foi acrescentado. Novamente repassou o artigo da Associação Médica Paulista, encontrou um parágrafo de que não se lembrava: “O sono é um fenômeno pelo qual se passa por ciclos que consistem em diferentes fases. As duas principais são os sono REM (rapid eye movement) e o sono NREM (no-rapid eye movement)”. O registro obtido pelo e-bluter faz crer que o pequeno Mike se encontrava no estágio quatro do NREM — conhecido como sono de ondas lentas ou sono profundo, esses estágios são cruciais para a recuperação física e mental, além de fortalecer o sistema imunológico. O detetive então resolveu rever, pela enésima vez, o vídeo do quarto do pequeno Mike, salvo pelo e-butler. Eis que ele observou — em *slow motion* — discrepâncias de tomadas capturadas pelo e-butler e pela imagem da central de monitoramento da casa; nesta, a tomada registrada, do mesmo dia e período da sexta-feira fatídica, não constava a imagem do ursinho de pelúcia na prateleira, mas, apareceu um borrão no berço... *o anjo inteligente...*

<sup>1</sup>Notas: [1] BORGES, A. E. Vinícius de Moraes: Cultura e História (1930-1970). 2011. 162 f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiás. 2011.

[2] BRITO, J. D. Curiosidades: o que significa a "Tonga da Mironga do Cabuletê"?. Disponível em: <[www.tirodeletra.com.br/curiosidades/NatongadaMirongadoKaburete.htm](http://www.tirodeletra.com.br/curiosidades/NatongadaMirongadoKaburete.htm)>. Acesso em 06 jan 2016.



APRESENTAMOS O  
CONTO

# A LENDA DE MARIA DO CARMO

POR MÁRIO LUIZ AMORIM DA SILVA

PAULISTA DE NASCIMENTO E BRASILEIRO COM MUITO ORGULHO, SÃO-BORJENSE DE CORAÇÃO, TEM PAIXÃO PELA DIVERSIDADE CULTURAL (ESTEVE EM MAIS DE 40 PAÍSES). É PALESTRANTE, POLIGLOTA, ESCRITOR E PROFESSOR. DR. H.C. EM CULTURA POPULAR BRASILEIRA PELO CENTRO SARMATHIANO DE ALTOS ESTUDOS FILOSÓFICOS E HISTÓRICOS E DR. H.C. EM EDUCAÇÃO PELO INSTITUTO BARONESA DE ENSINO E DESENVOLVIMENTO HUMANO. POSSUI ESPECIALIZAÇÕES NA ÁREA DE LETRAS (LITERATURA BRASILEIRA, AFRICANA, INDÍGENA E LATINA - LÍNGUAS PORTUGUESA, INGLESA, ESPANHOLA, FRANCESA E LATINA), EDUCAÇÃO (METODOLOGIAS ATIVAS E PRÁTICAS DOCENTE, ENSINO DE LÍNGUAS, PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL, DOCÊNCIA ONLINE E PEDAGÓGICA EMPRESARIAL) E ADMINISTRAÇÃO (MBA EM GESTÃO DE ESCOLAS PÚBLICAS E GESTÃO EMPRESARIAL). É MEMBRO DA ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS (PE), DO NÚCLEO ARTÍSTICO E LITERÁRIO DE LUANDA – ANGOLA, DA ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA DO TARRAFAL DE SANTIAGO (CABO VERDE), DA ACADEMIA DE LETRAS DE SÃO PEDRO DA ALDEIA (RJ) E DO NÚCLEO ACADÊMICO DE LETRAS E ARTES DE BUENOS AIRES (ARGENTINA). ATUALMENTE É PROFESSOR DO I. E. PADRE FRANCISCO GARCIA (SÃO BORJA/RS) E ALUNO DO CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM POLÍTICAS PÚBLICAS DA UNIPAMPA – CAMPUS SÃO BORJA (RS).

Na época em que as convenções sociais sufocavam as expressões, as opções e os sonhos das mulheres, havia uma pessoa singular em São Borja, que desafiava todas as expectativas. Maria do Carmo era o nome dela. Maria do Carmo estava à frente de seu tempo, destemida, em um mundo, que exigia submissão.

Enquanto moças e senhoras eram relegadas aos lares, Maria do Carmo ousava vestir calças, desafiando o padrão feminino da época. A expressão de suas vontades sexuais a transformou em uma figura mítica, ligada à promiscuidade para alguns, pois ela seguia seus desejos sem restrições. A guria era fogo na bota!

Não se contentando com o papel de espectadora, Maria do Carmo participava de várias rodas políticas dominadas por homens. Ela não apenas se juntava a eles, mas também bebia, fumava e debatia, nos encontros políticos daqueles tempos, desafiando assim as fronteiras impostas pelo gênero.

O coração de Maria do Carmo era livre como um pássaro voando no céu, recusando-se a se prender aos caprichos do amor romântico e platônico. Mesmo quando um militar se apaixonou por ela, o coração da jovem não foi conquistado. No entanto, rumores de sua gravidez e seu envolvimento com um outro militar despertaram o ciúme no primeiro, levando a um trágico desfecho.

Em um ato de raiva e possessividade, o militar que era apaixonado por ela, levou-a para o fundo do quartel e em um acesso de fúria, tirou-lhe a vida. Assim, Maria do Carmo tornou-se uma lenda em São Borja, não apenas por desafiar as normas sociais impostas, mas também por pagar o preço final por sua liberdade.

Após a morte de Maria do Carmo, um silêncio pesado pairou sobre São Borja. As ruas que antes ecoavam com sua presença vibrante, agora estavam imersas em luto e indignação. A notícia de sua tragédia espalhou-se como fogo selvagem pela cidade, despertando uma mistura de tristeza e revolta entre os habitantes. Há rumores que nos fundos do quartel, local em que foi assassinada, vozes são ouvidas e vultos são avistados.

A poeira da tragédia se assentava e os murmúrios começaram a circular. Alguns sussurravam sobre a injustiça do destino de Maria do Carmo, uma mulher à frente de seu tempo, cujo espírito era indomável. Outros discutiam, em voz baixa, sobre o papel do militar, na morte da jovem, questionando a impunidade de seus atos na época.

Além disso, mesmo na sombra da tragédia, a chama de Maria do Carmo não se apagou. Sua coragem e determinação continuaram a inspirar aqueles que ousavam sonhar, com uma vida além das restrições impostas pelo mundo ao seu redor.

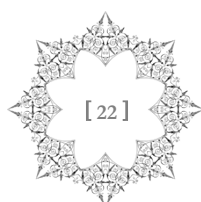
Com o passar do tempo, a lenda de Maria do Carmo transformou-se em uma história de resistência e liberdade. Seu nome foi lembrado, em canções e poesias, seu espírito imortalizado, nas mentes daqueles que se recusavam a esquecer sua curta, mas memorável jornada terrena.

Quando as gerações futuras ouvirem falar da lenda de Maria do Carmo, aprenderiam, não apenas sobre a tristeza de sua perda, mas também, sobre o poder da coragem e da determinação em face da adversidade. E assim, mesmo após sua morte prematura, Maria do Carmo se converteu para sempre, como um símbolo de esperança e resistência em São Borja.

À medida que os anos corriam e andavam, pelas ruas do tempo, a memória de Maria do Carmo continuava a ecoar nas ruas de São Borja. Seu legado não se limitava apenas às narrativas orais; sua história foi registrada em livros e documentos, preservando sua coragem e determinação para as gerações futuras.

Com o tempo, Maria do Carmo não foi esquecida, porque a jovem se tornou um símbolo de fé e crença de intervenção divina. Mulheres começaram a visitar seu túmulo em busca de acolhimento e intervenção, para que ajudasse as pessoas, em especial, as mulheres a atingirem seus objetivos.

O nome de Maria do Carmo foi registrado, na história da cidade gaúcha, que faz fronteira com a Argentina, não apenas como uma vítima da injustiça e de uma atrocidade, mas como uma líder e uma interventora divina, que inspirou muitas gurias a lutarem por seus ideais. Sua vida, embora curta, deixou um legado duradouro que continuou a intervir no destino de muitas mulheres de São Borja e de outras regiões também.



APRESENTAMOS O  
CONTO

# O BOSQUE DAS ALMAS PERDIDAS

POR PRISCILA BISSARO

PRISCILA BISSARO, MINEIRA DE LAVRAS, TEM 45 ANOS, MORA NO RIO DE JANEIRO, É BIÓLOGA E MILITAR DO EXÉRCITO. AMA A NATUREZA, OS ANIMAIS E A LITERATURA.

FAZ PARTE DOS ESCRITORES CAPIXABAS, PELA ASSOCIAÇÃO CAPIXABA DE CULTURA E ARTE (AACC) E DOS ESCRITORES ADMIRÁVEIS, DA LC ASSESSORIA E MARKETING.

POSSUI TRÊS LIVROS PUBLICADOS, CINCO PRÊMIOS LITERÁRIOS E TRÊS ANTOLOGIAS.

DETERMINADA, NÃO DESISTE DE SEUS SONHOS.

Atwood Montein, quarta-feira, 13 de abril de 1999.

Antes mesmo de chegar ao vilarejo, Sara Bates sabia que a história era aterrorizante.

Era noite. A estrada escura serpenteava entre a velha floresta. Do interior daquele Ford 54 cercado pela densa neblina, era possível avistar estranhas sombras que permeavam por entre árvores. O Vilarejo de Atwood situava-se milhas à frente. Muito conhecido por seu bosque temido e tenebroso.

Sara uma jovem esguia, de grandes olhos verdes e cabelos cor de fogo, destemida e sonhadora, se formou com honras em jornalismo na cidade vizinha, estava ávida por desvendar a macabra e assustadora história que conheceu através de boatos num pub da faculdade.

Seguindo o caminho sombrio, uma placa escrita com tinta vermelha, posto Green Valley estrada D1. Naquele momento Sara sentiu um enorme alívio, como se sua alma voltasse para o corpo.

Estacionou sua pick up em frente ao posto, um lugar maltratado pelo tempo, cheio de cartazes antigos e com uma energia tão pesada, que ficava difícil respirar. O ar gélido da madrugada fez seu corpo congelar, fechou a porta e correu para a entrada da loja de conveniências, parecia abandonada, cheia de quinquilharias antigas. Não havia ninguém, uma cena um tanto estranha, estava sozinha e no meio do nada.

De repente escutou o ruído de galhos quebrando, o que indicava a presença de alguma coisa.

Enquanto olhava ao redor, pensou: “Minha própria imaginação não há de me pregar uma peça”. O que pode haver nesta floresta senão animais, como pássaros e lobos?

— Se afastem de mim sombras do mal.

Continuou a caminhar, o frio parecia consumido pelas trevas, sentia olhares, ouvia murmúrios e um vento que balançavam as árvores como num ritual macabro. Foi quando viu aquela figura pálida, sentada num tronco de árvore, cuspidando tabaco no chão. Cantolava uma música que não compreendia e parecia estar em transe, não a viu chegar.

Era um homem alto e a magreza chamava atenção, tinha os braços cobertos de cicatrizes e nenhum pelo no corpo, fisionomia assustadora.

— Olá!



— Por favor, — preciso de ajuda!

— Eu venho de Oregon, — Ouvi falar das histórias, — Como chego ao vilarejo?

Sentindo o fogo dos olhos vermelhos assustadores, o homem levantou, guardou o canivete no bolso do macacão todo sujo e saiu andando em direção ao interior da loja, pegou um mapa velho e a entregou com as mãos cobertas de tabaco, balbuciando as palavras: não vá!

Naquele instante, algo chamou sua atenção, uma sala atrás do caixa, cheia de roupas, malas, peças de carros, pertences de pessoas desaparecidas.

Puxou o mapa e saiu correndo.

Quando Sara chegou ao vilarejo as pessoas se esconderam, ninguém queria falar. Determinada ela pegou as suas anotações e avançou em direção a trilha do bosque, onde ocorreram os incidentes e desaparecimentos, locais antigos e sombrios, nos arredores de Atwood Montein.

À medida que Sara caminhava, sentia uma presença obscura, sussurros ecoavam por todo bosque e as árvores pareceriam chorar, o lugar foi tomado por uma névoa densa e em meio à escuridão surgiu um chalé abandonado, sujo, rodeado de pedras redondas. Era ali, a origem do mal. Dentro do chalé de madeira apodrecida um alçapão levava a um cômodo com cheiro de morte, um local de adoração, com um altar onde inocentes eram sacrificados, sacrifício esse realizado num culto das trevas para abertura de um portal maligno. No centro, pedras redondas embebidas em sangue e parte dos restos dos corpos oferecidos.

Uma cena jamais relatada e que não será esquecida, estarrecedor!

Com toda força de seu corpo e da sua alma aterrorizada, Sara tirou as pedras, as mesmas que cercavam o chalé e através de palavras escritas em suas anotações, conferiu uma conjuração de exorcismo para libertar as almas aprisionadas.

Todo lugar se transformou, a energia do mal ergueu Sara do chão e atirou seu corpo para fora da cabana. Tempos depois, ela ouviu latidos e viu os feixes das lanternas. Moradores viram a luz branca dissipar todo mal, com medo do pior ter sido libertado, correram para o local dos cultos. Sara estava sem cor, seus braços estavam cheios de marcas e ela cantarolava palavras desconhecidas.

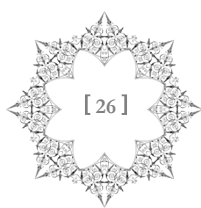
Após o resgate, benzeram todo o lugar, recolheram os restos mortais das pessoas, fizeram uma cerimônia fúnebre para o descanso eterno das almas perdidas e atearam fogo na velha cabana de madeira.

Sara nunca mais foi a mesma, viveu num manicômio em Oregon até sua morte anos depois, uma sobrevivente, como o atendente do posto de Green Valley.

Ele guardava os pertences dos desaparecidos, como forma de proteção. Até hoje é visto andando sem rumo pelos arredores da estrada.

Nunca mais o assunto foi comentado.

Os moradores locais evitam o bosque, mantendo como um local proibido, as histórias se calaram, a presença maligna não foi mais vista. Ninguém voltou lá.

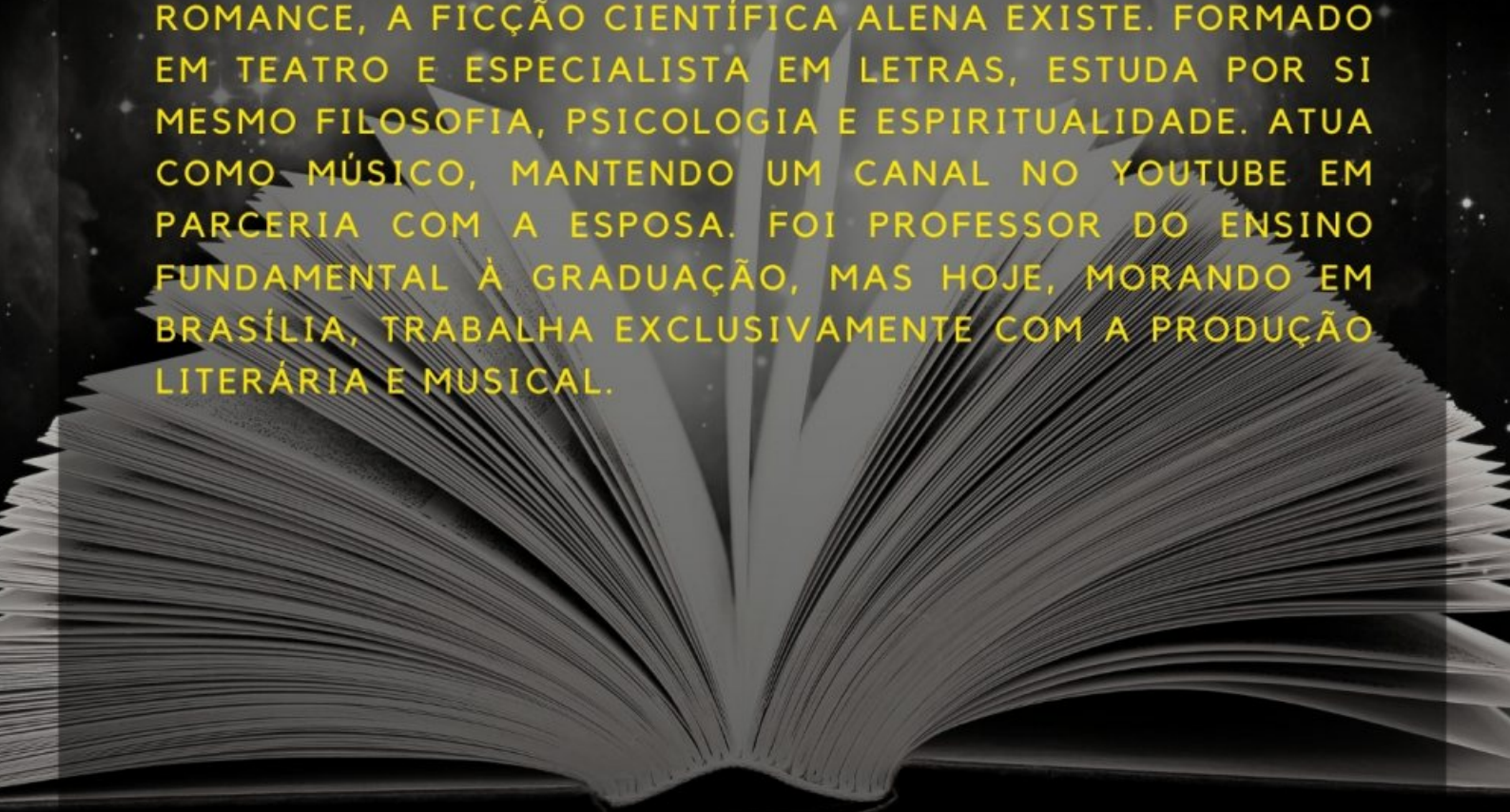


APRESENTAMOS O  
CONTO

# LEITURAS INOCENTES

POR ROGER DÖRL

ROGER DÖRL NASCEU EM CURITIBA E DESDE MUITO CEDO SE DEDICA À ESCRITA. EM 2024, LANÇOU SEU PRIMEIRO ROMANCE, A FICÇÃO CIENTÍFICA ALENA EXISTE. FORMADO EM TEATRO E ESPECIALISTA EM LETRAS, ESTUDA POR SI MESMO FILOSOFIA, PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE. ATUA COMO MÚSICO, MANTENDO UM CANAL NO YOUTUBE EM PARCERIA COM A ESPOSA. FOI PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL À GRADUAÇÃO, MAS HOJE, MORANDO EM BRASÍLIA, TRABALHA EXCLUSIVAMENTE COM A PRODUÇÃO LITERÁRIA E MUSICAL.



— Vamos começar — disse Marta, visivelmente nervosa. — O livro de hoje é uma sugestão da nossa querida Olga Francisca, que nos dá a honra de participar do clube pela primeira vez. Esperamos que você goste e volte sempre a nos acompanhar.

Enfiada em sua grande poltrona e escondida atrás de óculos escuros, a socialite mal moveu os dedos em resposta, como se ordenasse que a reunião prosseguisse sem lhe importunarem de novo.

Marta lançou um olhar ansioso em direção ao canto da sala, o que não era a primeira vez. Aliás, Morgana tinha a impressão de que todas estavam muito estranhas naquela tarde. Brenda, por exemplo, não tinha desgrudado de sua bolsa — que sempre largava no chão — e Amanda estava excessivamente calada. E não parecia a Morgana que a presença de Olga era razão suficiente para tudo aquilo.

À esquerda dela, de repente, Dona Eunice se pronunciou, com sua habitual simpatia:

— O grupo se chama “Leituras Inocentes”, mas nós gostamos de uma boa história de crimes. Inclusive, a senhora verá que as aparências aqui podem ser bem enganosas. Eu, por exemplo, sou uma das poucas do grupo que gosta de ler e-books, apesar dos meus mais de setenta anos. Eu e a nossa colega Janete, que, estranhamente, não veio para o encontro hoje.

Morgana olhou para a cadeira vazia à sua direita, onde Janete deveria estar. Tinha quase certeza de que a outra *tinha*, sim, estado ali, mas preferiu não dizer nada.

— Bom, como eu ia dizendo — retomou Marta, mas foi interrompida outra vez, agora pela entrada escandalosa de Aline, a mais nova do grupo. — Ah, Aline — disse a mediadora, visivelmente decepcionada. Nunca escondeu que não gostava da moça, que ela chamava de irresponsável e “cabeça-oca”. Era, também, a que mais faltava às reuniões, e, certamente, Marta preferiria que ela tivesse faltado naquela tarde, para não assustar sua convidada ilustre.

— Obrigada pela recepção calorosa, Marta — disse a jovem, que não media as palavras. De um modo meio brusco, foi se sentar entre Dona Eunice e Olga Francisca, a quem acenou de forma efusiva. — Oh, olá, temos uma cara nova aqui! — E, diante da falta de reação da outra, acrescentou: — Mais um poço sem fim de simpatia, pelo visto.

Marta fez uma careta ao ouvir aquilo, então pronunciou com voz solene:

— Esta é a ilustre senhora Olga Francisca Martinho de Holanda Oliveira Alves Ambrósio Menezes de Castro e Pereira Gomes, para sua informação.

— Meu Deus, Marta, quantos dias você passou decorando esse nome? — zombou Aline, dando tapinhas nas costas da mão de Olga, que mais uma vez não se moveu. Aline, então, deteve-se por um instante, com ar preocupado, depois se levantou e se debruçou sobre a socialite, examinando-a de várias maneiras. — Ela não está respirando! — disse.

As outras se alvoroçaram, enquanto Marta se precipitava sobre a convidada e media-lhe a temperatura, tirando-lhe os óculos e constatando que ela tinha os olhos fechados, mas que ainda respirava, sim, embora muito devagar.

— Rápido — disse bem alto —, alguém traga uma água!

Aline tirou de seus pertences uma garrafa com água e entregou a ela, que umedeceu um pouco os pulsos e a nuca da socialite. Exasperada, Aline tomou a garrafa de sua mão e derramou uma grande porção na boca da outra, que, em seguida, deu um gole visível. As duas socorristas se puseram de joelhos diante dela e esperaram, mas Olga não dava o menor sinal de estar se recuperando.

Já haviam se passado alguns minutos quando Amanda resolveu intervir, aproximando-se a passos firmes. Era formada em Educação Física e gostava de falar como se soubesse de tudo de Medicina, sobre o que opinava em tom profissional sempre que o tema aparecia em alguma leitura.

Colocou os dedos no pulso de Olga e observou, depois fechou a cara e fez o mesmo com os dedos em sua garganta. Por fim, aproximou-se do nariz dela e tentou escutar alguma coisa. Então, arregalou os olhos para a amiga Brenda e disse:

— Ela está morta.

— Não pode ser! — protestou Marta e, inconformada, começou a estapear a visitante ilustre, chamando-a aos gritos e mandando às favas a compostura. Mas, por mais que fizesse, a outra não voltou a se mover.

— Oh, meu Deus, chamem a polícia! — disse Dona Eunice.

Naquele momento, Morgana se lembrou de que, quando foi apresentada a Olga, Dona Eunice foi abraçá-la e acabou por espetá-la com um broche. Antes que dissesse qualquer coisa, porém, a própria Dona Eunice comentou:

— Será que meu broche está contaminado?

— Não é assim que essas coisas funcionam — disse Amanda, revirando os olhos.

— Bom — concluiu Morgana, afinal —, nós podemos facilmente deduzir quem é a assassina.

Todos os olhares se voltaram para ela, carregados de ansiedade.

— Você já tem uma teoria? — perguntou Marta.

— Todas sabemos como é incomum a Janete faltar, não é? — disse Morgana. — Inclusive, encontrei um brinco dela perto do armário de bebidas, e estou certa de ter visto a Sra. Olga Francisca bebendo alguma coisa ali antes de vir se sentar.

— Envenenamento! — espantou-se Dona Eunice, cobrindo a boca com a mão.

— Ou pode ter sido essa água — rosnou Marta, apontando para a garrafinha na mão de Aline, e que Amanda pegou para analisar.

— Claro, Sherlocka — reagiu a moça —, vamos esquecer que ela já estava mal *antes* de eu lhe dar água.

— Neste caso — comentou Brenda, que estava fuçando em seu celular — pode ter sido mesmo o broche de Dona Eunice. Ou deveríamos chamá-la de Regina? — Ao perguntar, virou a tela do celular para as outras que, evidentemente, não conseguiram enxergar nada. Então, ela explicou: — Regina Nunes era empregada dos pais de Olga Francisca. Foi demitida injustamente, acusada de roubo, e passou quarenta anos na cadeia. Ao sair, foi obrigada a mudar de nome para conseguir trabalho. E adivinhem? Ela é a cara da nossa coleguinha aqui!

— Parabéns, fuxiqueira — rosnou Dona Eunice, mudando completamente a voz e se mostrando agressiva. — Ainda assim, seria impossível colocar tanto veneno assim em um broche a ponto de matar com uma espetada.

— Por isso a água — explicou Amanda, mostrando a garrafinha em sua mão. — Há vestígios de alguma droga nela. A perícia não terá dificuldade para confirmar.

— Absurdo! — protestou Dona Eunice, mas Aline já estava sentada no chão e abraçando as pernas como se desistisse.

— Mas então o que foi que aconteceu com Janete? — perguntou Morgana.

Marta lançou outro olhar para o canto da sala onde, Morgana reparou, havia um grande baú de roupas. Ao mesmo tempo, Amanda reagiu, exasperada:

— E quem quer saber? Acabamos de desvendar um assassinato!

— Sim, mas... — disse Morgana, levantando-se devagar e indo em direção ao baú. Reparou em como aquilo foi deixando Marta cada vez mais preocupada. — Não estou

convencida de que é só isso. Apostaria a minha coleção da Agatha Christie que temos mais alguma coisa aqui.

E, dizendo isso, abriu o baú.

Lá dentro, contorcida e imóvel, com o olhar petrificado e uma marca evidente de enforcamento, estava Janete.

— Eu não sabia o que fazer — apressou-se a explicar Marta, desesperada. — Encontrei-a caída aí, e Olga Francisca já estava para chegar. Não podia deixar que uma coisa assim arruinasse a primeira vez dela no clube.

— Oh, acho que a Dona Olga Francisca é muito grata por isso — ironizou Morgana. — Mas, então, se não foi a senhora, só podem ter sido Brenda ou Amanda.

— Como assim? — protestou Amanda. — Acabamos de descobrir *duas* assassinas aqui! Elas devem ter sido descobertas, pobre Janete!

— *Pobre Janete?* — estranhou Morgana. — Vocês duas não se suportavam. Estavam sempre brigando por causa dos e-books.

— Porque e-books *não são livros* — respondeu a outra, exasperada.

— Brenda — chamou Morgana —, será que você poderia esvaziar sua bolsa?

— O que minha bolsa tem a ver? — reagiu Brenda, puxando-a para mais perto.

— A polícia vai fazer isso de um modo ou de outro — falou Marta.

Um silêncio tenso se formou, enquanto Brenda e Amanda trocavam olhares apavorados.

— Está bem — disse Brenda, afinal. — Tentei ajudar, amiga — falou para Amanda, tirando de dentro da bolsa um fio longo que todas reconheceram como um carregador — mais provavelmente o carregador de um e-reader.

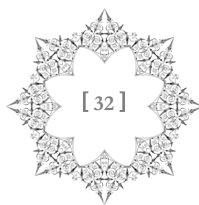
— Traidora desgraçada — bradou Amanda, partindo para cima dela, mas detida por Marta a meio do caminho. — Custava ficar de boca fechada? Foi um acidente! Jamais achar que tinha sido Marta! Estava tudo correndo bem!

Quando a polícia chegou, mais tarde, encontrou todas elas em estado de choque. Aos poucos, tinham ido cada uma para um canto, sem poder fugir senão para dentro de si mesmas, e ficaram lá paradas, olhando para o nada com uma expressão de susto.

O silêncio reinava na sala, exceto por um murmúrio baixo e contínuo, que mais parecia um lamento. Quando a Inspetora se aproximou para escutar, descobriu que era uma coisa sendo dita — umas poucas frases, reorganizadas e repetidas sem parar.

Vinham de Amanda, que estava deitada de bruços no tapete e tinha a cabeça enfiada entre os braços. Estava ali desde que aquele cenário insólito se formou, repetindo sem parar, totalmente tomada pela loucura:

— *Nunca* vai ser livro. E-book não é livro. *Livro* é livro, o nome já diz!





APRESENTAMOS O  
CONTO

# AS MALDIÇÕES DE TINTAGEL EM PROSA E VERSOS

POR ROSAMARES DA MAIA

ROSAMARES DA MAIA, ESCREVE: "CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS", PARTICIPOU DE ANTOLOGIAS NA ED. SCORTECCI E NA ED. ANDROSS, EM COLETÂNEAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA, DO SELO OFF FLIP. FOI FINALISTA NO PRÊMIO STRIX-ANOS 2020/21/22. COM A ED. LITTERIS: LUDMILA A LAGARTINHA MARATONISTA, AS AVENTURAS DE UM BARQUINHO DE PAPEL, RETALHOS DE VIDA, AMORES CORES E SABORES, HAICAIS À BRASILEIRA E TEMPO DE CONTRADIÇÕES, NÃO SEI SE DEVO, MAS VOU CONTAR, PITA PITANGA E A ABÓBORA MORANGA. EM 2024 LANÇA NA BIENAL / SP: AS MISCELÂNEAS DO CALDEIRÃO DA BRUXA - ED. SCORTECCI E POEMAS TORTOS E A ORDEM DA LIBÉLULA COM A D. QUEIROZ EDIÇÕES LITERÁRIAS.

Conta a lenda que a **Anatólia**, herdou o título de Duquesa, apesar de ser irmã bastarda do **Duque de Gorlois** e, que foi concebida em adultério paterno, com uma das damas de companhia da velha senhora Duquesa. Gorlois por sua vez, era o Duque da *Cornualia*, situada ao Norte da Inglaterra e, marido da belíssima **Igreine**, mãe de **Morgana**. Ele era também, o Comandante de um dos exércitos do Rei, que lutavam as batalhas da Bretanha contra os Saxões, porém, o nobre Duque, foi vítima da vilania do **Rei Uther Pendragon**, que se apaixonou por Igreine.

Em conluio com o **feiticeiro Merlim**, o Pendragon, preparou-lhe uma série de armadilhas de guerra, que culminaram com a sua morte durante uma batalha, jogando ainda, Igreine em adultério nos braços do Rei. Igreine achava que estava se deitando com o marido, que chegara de uma batalha, o Duque Gorlois e não com Uther. Do adultério involuntário de Igreine, foi concebido **Arthur**, meio irmão de Morgana, futuro Rei da Inglaterra e detentor da poderosa Excalibur.

O resumo dessa história Arthuriana, é apenas para situar como dissemos, a Irmã do Duque Gorlois, Anatólia, que com os seus quinze anos de idade, tornou-se personagem de mais uma das tantas tragédias vividas nas maldições do Castelo de Tintagel, por estar apaixonada por um jovem soldado, engajado as fileiras do exército de seu irmão.

.... Então, como dissemos, .... Conta a lenda que a jovem e doce Anatólia, jazia com os seus cachos dourados esparramados sobre a grama verde dos jardins do castelo. Um filete avermelhado tingiu os seus cabelos com mechas acidentais e desordenadas. Seu corpo delicado estava retorcido, os membros desalinados, o rosto, tinha os olhos abertos. Eles eram azuis como o céu, naquele dia de sol da primavera e deixava escapar dos lábios, uma leve impressão de sorriso e contentamento.

Contavam os aldeões, que o seu espírito vagava pelos campos, nas noites claras de lua, que o seu desespero se transformou em maldade, perversão e bruxaria. Que ela perseguia especialmente o Clero: Bispos, Cardeais, Padres e soldados em comando de batalhas, fazendo com que caíssem em desgraça, pecados de orgias e fornicação, violando assim, os seus votos e a fidelidade à causa “Católica”, já presente com inúmeros dogmas e força política à época, apesar da tendência mística e politeísta daquele período histórico. Os religiosos eram excomungados, muitos cometiam suicídios, outros foram condenados a morte, os Comandantes eram trucidados em batalhas, mas, o certo é que cada um deles, um por um, viu o rosto pálido e gélido, sem qualquer expressão de piedade da Duquesa bastarda Anatólia.

Na sua peregrinação, sem outro objetivo que não fosse a vingança, era sempre vista próxima aos Templos, Abadias, Conventos ou em meio aos campos de batalhas. Era uma dama enlutada, de vestes negras, sob um véu negro que cobrir-lhe da cabeça aos pés. Buscava eternamente por seu amado e, podiam ouvi-la recitando o último poema feito para ele, antes que o seu corpo flutuasse da Torre do Castelo até o chão fatal

de Tintagel. A intensidade do seu primeiro e único amor trouxe o lírico, com toda a sua dor para justificar o ato desesperado.

***Ode ao meu amado Cavaleiro***

Ai de ti ainda tão menino!  
Ai do teu amor e dos teus sonhos.  
Ai de ti vivendo neste nosso tempo,  
Que o tempo de amar nos roubou.

Dos olhos que escondidos choram,  
Úmidos olhos do soldado partindo,  
Eles a estes campos jamais voltarão.  
Partiram com as tropas do ducado.

Meus olhos que não te tornarão a ver,  
Eles agora regam os jardins do castelo.  
Buscam nos descampados distantes.  
Como águias, nas torres de Tintagel.

Ai de teu corpo violado em combate.  
- Que temos nós com estas guerras?  
Ai da tua alma simples e franciscana.  
Ai de ti menino! Tão envelhecido estás.

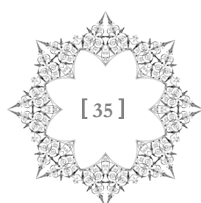
Fecho os olhos, não consigo adormecer.  
Experimento a amargura de teu coração,  
As dores das tuas mãos ensanguentadas,  
À distância sinto um cheiro nauseabundo,

Vejo os despojos da morte ao teu redor,  
Um odor que te repugna e destrói.  
Ai de teu corpo combalido – desistente.  
Entregue sem qualquer resistência – finito.

- O que será de mim sem ti?  
Vi o teu sorriso na descampada planície.  
Menino, correndo entre ovelhas e cães.  
Ouvi teu chamado, clamando por beijos,  
Só por mais um último e único beijo.

Teus braços abertos para me receber.  
Ai de mim que violei o meu corpo,  
E em pecado conspurquei o meu espírito.  
Um salto - voando da torre de Tintagel,  
E em desatinada partida fui te encontrar.

*Anatólia - P / Rosamares da Maia.*



APRESENTAMOS O  
POEMA

# MÁGICO

POR SELMA LUANNY

BRASILEIRA E MÉDICA ANÁTOMO-PATOLOGISTA, SELMA LUANNY SÃO PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "OS CELTAS E EU" NO CONCURSO DE POESIA CÉLTICA 2022; "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "PELOS POVOS" NO I CONCURSO DE POESIA PAGÃ 2023. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA E EM EDIÇÕES MENSAS DESTA REVISTA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA, INCLUINDO O LIVRO "TRIBUTOS A VOCÊ, MÃE" (COM VERSÃO EM INGLÊS).

Na sua dinâmica e agitação  
não é visível.  
De coisas à luz do dia  
não é clara observação.  
Não é um truque ou distração.

É a ressonância interna...  
de moléculas e átomos  
que se juntam... se separam...  
se completam... se anulam...  
E formam seres vivos,  
como eu e você.

A vibração de ocultas reações,  
continuamente a labutarem.  
Aos sentidos, complementos  
trazem e buscam.

Percorrem fibras e circuitos,  
estimulam substâncias  
e receptores,  
formulam ilógicas reverberações...  
na intimidade do ser...  
A magia da vida,  
como eu e você.



APRESENTAMOS O  
POEMA

# O GRANDE MISTÉRIO

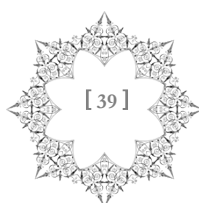
POR SELMA LUANNY

BRASILEIRA E MÉDICA ANÁTOMO-PATOLOGISTA, SELMA LUANNY SÃO PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "OS CELTAS E EU" NO CONCURSO DE POESIA CÉLTICA 2022; "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "PELOS POVOS" NO I CONCURSO DE POESIA PAGÃ 2023. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA E EM EDIÇÕES MENSAS DESTA REVISTA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA, INCLUINDO O LIVRO "TRIBUTOS A VOCÊ, MÃE" (COM VERSÃO EM INGLÊS).

A pensar... e a sentir...  
a fazer e desfazer...  
a vir e ir... chegar e sair...  
deixar... retornar...  
Se não pelo envelhecer,  
do ser, um quase ciclo.

De um longínquo  
começar... cria... e liga...  
e destrói... seres sem fim...  
num conflito de força  
e fragilidade... de morte  
e Vida... a Natureza...

num imparável ciclo  
universal...  
de átomos que se juntam  
e separam... e dançam...  
e formam... no grande  
e maior mistério.



APRESENTAMOS O  
POEMA

# SEKRETO

POR SELMA LUANNY

BRASILEIRA E MÉDICA ANÁTOMO-PATOLOGISTA, SELMA LUANNY SÃO PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "OS CELTAS E EU" NO CONCURSO DE POESIA CÉLTICA 2022; "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "PELOS POVOS" NO I CONCURSO DE POESIA PAGÃ 2023. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA E EM EDIÇÕES MENSAS DESTA REVISTA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA, INCLUINDO O LIVRO "TRIBUTOS A VOCÊ, MÃE" (COM VERSÃO EM INGLÊS).



Aconteceu de ser criado  
um idioma universal a ser falado  
e escrito... para entendimentos,  
unificar, seria...  
como esperado, não vingou.

Esperança de harmonia sem  
supremacia intencionada.  
Mas tão ocidentalizada origem...  
Quanto do falar do mundo,  
excluiu?

Por quê? Embutido o quê?  
Talvez arrogante ingenuidade...  
sem evidentes cultural e civilizacional  
alicerces, sem a humana corrente...  
dos primórdios.

Esperança sem horizonte...  
falhas e fragilidade.  
Visão da formatada e  
nutrida complexidade, em milênios  
gerada - a humanidade -, ignorou.



APRESENTAMOS O  
CONTO

# MENSAGEM (1)

POR SELMA LUANNY

BRASILEIRA E MÉDICA ANÁTOMO-PATOLOGISTA, SELMA LUANNY SÃO PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA, SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "OS CELTAS E EU" NO CONCURSO DE POESIA CÉLTICA 2022; "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "PELOS POVOS" NO I CONCURSO DE POESIA PAGÃ 2023. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA E EM EDIÇÕES MENSAS DESTA REVISTA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA, INCLUINDO O LIVRO "TRIBUTO A VOCÊ, MÃE" (COM VERSÃO EM INGLÊS).

Ana estava no seu trabalho e horário que mais adora: no turno noturno do grandioso radiotelescópio - sozinha. Apesar de gigantesco e avançadíssimo, a sua funcionalidade de captação de ondas era muito fácil de ser comandada - um visor de computador ao alcance da mão.

A sua manutenção, limpeza, interpretação e arquivamento de dados eram realizados durante o dia por uma pequena equipe - um astrônomo, um engenheiro, alguns técnicos e pessoal de limpeza geral.

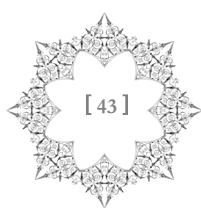
Naquela noite, Ana estava direcionando o cone de captação para o extremo oposto da Via Láctea, numa área invisível para telescópios ópticos e ainda não documentada cientificamente, pois ficava na maior parte do ano quase na linha sul do horizonte terrestre e num dos extremos da galáxia.

De repente, começaram a chegar ondas intercaladas por tempo regular, quase num código Morse.

Era o que tanto esperava além de o sonho de meio século para os radioastrônomos da Terra.

Alguém ou alguma civilização desenvolvida esteve se comunicando e irradiando esta comunicação para o Universo.

Agora era o momento de desvendar e esclarecer esta misteriosa emanção universal - ondas de rádio. Há quanto tempo foram emitidas, de que precisa origem, por quem?



**CONHEÇA OUTROS  
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA)  
SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
INSCREVA-SE: [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)  
E-MAIL: [ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG](mailto:ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG)**

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**